

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
A LÍRICA NA IDADE DE OURO,  
E A IDADE DE OURO NA LÍRICA

*Luiz Fernando Dias Pita* (UERJ/ABRAFIL)  
[nandopit@uol.com.br](mailto:nandopit@uol.com.br)

RESUMO

Todos os historiadores da literatura latina são unânimes ao destacar os autores do conturbado período entre o fim da República e os primeiros anos do Império como aquele que a produção poética alcança, em Roma, seu ápice: é o momento em que autores como Catulo, Virgílio, Horácio e Ovídio construirão obras que os séculos consagrarão como os fundamentos literários do Ocidente. Contudo, um exame acurado da obra desses autores – assim como de seu predecessor Lucrécio – nos mostra que, embutida nesse conjunto que constituiria a Idade de Ouro da lírica latina, existe toda a concepção e reconstrução dos mitos antigos, relativos a uma Idade de Ouro da espécie humana. Nosso trabalho visa a exploração das características particulares que esse mito assumirá, na obra de cada um dos autores mencionados.

**Palavras-chave:** Literatura latina. Lírica latina. Idade de Ouro.

Qualquer análise do processo de construção das historiografias ocidentais revela um processo recorrente, que é o da eleição de um dado período de tempo como sendo especialmente privilegiado. Este período histórico é, quase invariavelmente, mostrado como resultante da confluência entre um momento de pujança econômica e de poderio militar, aliada a uma estratégia recorrente de reafirmação de um poder político muitas vezes centralizado, centralizador e personalista, a qual se dá através de uma política de mecenato e de reafirmação dos valores tradicionais daquela cultura e sociedade.

Como resultado dessa confluência, as manifestações artísticas ocorridas durante o período de sua validade são, também quase invariavelmente, apontadas como o ápice da produção artística daquela sociedade. E foi a partir da associação, muitas vezes simplista, ou simplificada, mas que conjuga todos aqueles fatores supramencionados, que os teóricos e historiógrafos da literatura construíram um modelo de descrição das respectivas literaturas em apreço, modelo esse segundo o qual haveria, em cada sociedade, uma “Idade de Ouro” das artes e das letras.

Evidentemente, o estabelecimento dos limites espaço-temporais dessa “Idade de Ouro” varia de acordo com critérios que, ainda que dentro daqueles parâmetros iniciais, serão modificados segundo os pontos de

vista (político, sociológico, antropológico etc.) assumidos pelo pesquisador; contudo, é inegável que, independentemente da variabilidade dos critérios, essa dinâmica tem-se mantido inalterada. E assim temos a consagração do século XV como o *Quattrocento* italiano; do século XVI como o do Humanismo português, do XVII como o *Siglo de Oro* espanhol; do XVIII como o *das Luzes* – que tinham seu epicentro em Versalhes – e o XIX como o auge do Romantismo na Inglaterra vitoriana.

No entanto, quando aplicado às literaturas da Antiguidade clássica, este modelo se revela parcial e incompleto: se se mostra perfeitamente talhado para a Atenas do *Século de Péricles*; as tentativas de seu enquadramento às letras latinas evidenciam uma grave fissura: o período que os historiógrafos insistem em considerar como sendo o auge das letras em Roma compreende, ao contrário dos demais exemplos, uma era de grande convulsão social e de conflitos internos que só se resolvem com a entronização de uma nova fórmula de poder político, o *imperium*. Assim, pelo menos em parte, a “Idade de Ouro” das letras latinas está fora daqueles parâmetros assentados em nosso primeiro parágrafo, e isso se demonstra na própria prevalência dos gêneros literários em Roma.

No tocante à periodização das letras latinas, Cardoso (2011, p. 11) considera como a “fase clássica” o período que se estende entre 81 a.C. e 68 d.C. No entanto, a mesma pesquisadora encara essa fase como dividindo-se em três subgrupos: as chamadas “épocas de Cícero”, entre os anos 81 e 43 a.C.; “de Augusto”, entre 43 a.C. e 14 d.C.; e a “dos imperadores júlio-claudianos” que abarca os anos posteriores, e que a mesma pesquisadora defende tratar-se, já, de um período de decadência.

Assim, sendo, a própria categorização embute já um paradoxo: pois a última fase, a de maior extensão temporal é, também, aquela que, para melhor configuração da uma fase “clássica” – que, em seu sentido etimológico, implicaria aquela a ser estudada em classe – não deveria estar ali enquadrada. Isso, por si só, já reduziria a fase “clássica”, *stricto sensu*, aos dois momentos anteriores.

Tal redução, no entanto, expõe com maior visibilidade outra dicotomia desse modelo classificatório, que repousa no fato de que, em nenhuma dessas fases, há uma distribuição minimamente equilibrada entre a qualidade da produção literária e sua distribuição por gêneros: no primeiro momento, correspondente ao da produção de Cícero, é intensamente marcado pela produção textual em prosa vinculada principalmente

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

às obras de cunho retórico do próprio<sup>2</sup>. No segundo, assiste-se ao esvaziamento dessa vertente de produção, contraposto a um enorme impulso da poesia, que vive, essa sim, sua fase áurea. Essa fissura entre os gêneros e as respectivas fases em que predominaram denuncia tacitamente a inaplicabilidade daquela definição de “Idade de Ouro” das letras ao período das letras latinas a que se costuma vinculá-la, pois não havendo distribuição dessa mesma qualidade pelos gêneros literários, qualquer quadro que se pretendesse pintar seria incompleto e não nos autorizaria a proclamar a totalidade dessa fase como sendo uma “Idade de Ouro”.

Outrossim, o que se pode, de fato, constatar é que aquilo a que nos acostumamos a chamar de “Idade de Ouro” das letras latinas, corresponderia, na verdade, apenas ao período que Cardoso chama de “época de Augusto” e estaria restrita à produção poética então apresentada; cabendo-lhe, pois, o epíteto “da Lírica”.

Mas, realizado um exame da produção realizada durante essa Idade de Ouro da lírica latina, pode-se constatar que ela embute um tema recorrente, ainda que trabalhado pelas diversas óticas pessoais dos que o manusearam: o mito segundo o qual teria havido, na trajetória da espécie humana, uma *Idade de Ouro*.

De modo um tanto tautológico, pode-se, pois, dizer que a lírica da Idade de Ouro latina retrabalha, internamente, todo um ciclo de visões de uma *Idade de Ouro* humana. E, para que nos dediquemos ao exame de como esse mito foi retrabalhado pelos autores latinos, convém examinarmos, ainda que muito sucintamente, sua trajetória até aquele momento.

A crença em um passado mitológico pode ser detectada, com maior ou menor grau de exposição, em todas as culturas humanas. Tal passado será invariavelmente idealizado como uma era de felicidade e harmonia entre o homem e os seres com que coabita, sejam deuses ou animais. Essa crença, no caso das culturas da Antiguidade, é facilmente detectável, seja narrada sob a forma de mitos criacionais, como nas narrativas do Gênesis; e/ou fundacionais, como Gilgamesh, as lendas que foram a base para a Ilíada, e a própria narrativa do dilúvio bíblico, sua presença é constante. Tal ubiquidade, porém, mal disfarça o fato, tão explorado por diversos antropólogos e historiadores, de que todos aparen-

---

<sup>2</sup> Ainda que, nesse período, estejam presentes as vozes de Lucrécio e de Catulo; não temos, ainda, uma visão de conjunto tal como haverá na “época de Augusto”.

tam provir de uma fonte comum, de transmissão oral, e que suas diferentes versões foram fixadas na escrita para que pudessem ser transmitidas de modo mais duradouro. Não sendo a busca de valor literário a causa primordial da construção do texto em si, não se pode afirmar uma intenção de literariedade nessas obras, às quais não se concediam maiores apuros estéticos.

Nesse contexto, a obra de Hesíodo será o acorde dissonante. Em sua *Teogonia*, mas principalmente em *Os Trabalhos e os Dias*, Hesíodo realizará, como os precedentes, a transposição dos mitos para a escrita, fica patente, contudo, que, nestas obras, tais mitos foram organizados no tempo, e então, mesmo que o tempo mítico da cultura grega não fosse finito, como o de outras civilizações, Hesíodo o torna linear. E é nessa linearidade, prenúncio da história, que os mitos são reconstruídos com apuro estético, adquirindo então o perfil de idealização de um período histórico em um passado mítico. E, ainda dentro daquela linearidade, os tempos passados serão tão melhores quanto mais passados forem.

Se é Hesíodo quem estabelece o modelo pelo qual o mito da Idade de Ouro criará raízes na cultura ocidental, é a partir desse mesmo modelo que os autores romanos partirão, devido à influência helenística em Roma, durante os séculos III e II a.C. No entanto, convém deixar claro que todos os autores romanos, embora aproveitando-se das linhas gerais esboçadas por Hesíodo, irão retrabalhar o mito da *Idade de Ouro* sob parâmetros que divergem dos originais, às vezes, em franca oposição. Tal é o caso de Lucrécio (95-55 a.C.).

Ainda que a vida e a obra de Lucrécio estejam fora daquele período considerado como a Idade de Ouro da lírica latina, pode-se detectar, em sua *De Rerum Natura*, alguns pontos que nos permitem perceber algumas das razões pelas quais os homens de seu tempo sonhariam com uma *Idade de Ouro* para a espécie humana.

Lucrécio vive num tempo em que o sistema oligárquico republicano estabelecido em Roma já apresenta, como resultado de sua própria expansão territorial, dificuldades administrativas, com conseqüentes lutas internas pelo poder consular: é o tempo da lenta agonia do regime republicano, de guerras civis e turbulência social: a revolta de Espártaco, a conspiração de Catilina, o 1º triunvirato, as campanhas de César na Gália e na Bretanha são alguns dos fatos históricos que, entre 73 e 55 a.C.) minarão toda a estabilidade da República, e convulsionarão a visão da população romana sobre o mundo em que viviam.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Assim, contrastando com os séculos anteriores, de relativa paz interna, ao tempo de Lucrécio a insegurança era a norma. E a busca de fórmulas para enfrentar esse tempo de incertezas, fórmulas quase sempre retomadas da cultura grega, era uma constante do cotidiano. Entretanto, é nesse cotidiano que se coloca em questão o próprio papel da literatura como proposição de mundo.

Desse modo, construída como obra de difusão do ideário de Epicuro, *De Rerum Natura* apresenta as proposições deste filósofo para que o homem possa, se não retornar ao estado anterior de coisas - o que equivaleria à restauração da Idade de Ouro - enfrentar com maior tranquilidade as dificuldades do presente.

E para poder realizar tal enfrentamento, e porque não acreditava na interferência dos deuses na vida dos homens, e postulava ainda que o acaso era o processo de realização de todos os fenômenos – incluída aí a vida – o pensamento epicurista advogava que deveria o homem abrir mão de tudo aquilo que não lhe fosse essencial, numa atitude que, hoje, chamaríamos de *minimalista*. Assim, com suas necessidades reduzidas ao mínimo, pouco haveria com que se preocupar; com sua vida e esperança reduzidas ao momento presente, não haveria razão pela qual manifestar qualquer ansiedade, alcançando aquele estado caracterizado pela ausência das perturbações, a *ataraxia*. E, enfim, desprovido de ansiedade, pode o homem apenas desfrutar, com genuína alegria, dos agradáveis momentos que sua breve e finita existência irá proporcionar-lhe antes de que seus átomos voltem a espalhar-se pelo cosmos.

Se isso parece destoar da *Idade de Ouro* construída por Hesíodo, importa constatar que, para Lucrécio, o conceito de *Idade de Ouro* consiste na adequação das expectativas humanas à realidade alcançável: e, nesta realidade, importa antes fugir da fome que desfrutar de um banquete<sup>3</sup>; abrigar-se do frio que vestir-se com esmero; trabalhar o necessário para satisfazer suas necessidades mínimas, e cultivar o ócio, a submeter-se a uma rotina desumana... enfim, trata-se de optar por ter uma vida modesta, porém plena; a uma luxuosa, porém desprovida de sentido. E isto era, em linhas gerais, a mesma situação vivida pelos homens da *Idade de Ouro* de Hesíodo.

---

<sup>3</sup> Sempre prejudicada por dificuldades de abastecimento, já que dependia de remessas do exterior que, em função dos conflitos internos, eram frequentemente interrompidas; Roma vivia em constante ameaça de fome.

Na verdade, são duas as grandes divergências entre os autores: a primeira era que, para o romano, não haveria interseção entre o mundo dos deuses e o dos homens. E isso fica patente ao longo de todo o canto V da obra, em que Lucrécio, descrevendo as fases da humanidade, mostra o seu desenvolvimento tecnológico como resultante de ações fortuitas ou humanas, sem qualquer interferência divina.

A segunda, mais sutil, é que Lucrécio não pinta uma *Idade de Ouro* porque acredite que ela possa vir a existir, ou porque, como Hesíodo, possa crer que tenha algum dia existido, mas porque pensa que o homem tem o direito de construir e viver sua própria *Idade de Ouro*, guiado pelos valores da filosofia.

E será justamente por colocar nas mãos dos homens tal poder de decisão, e por, através da lógica de sua filosofia, imunizá-los contra aqueles valores do *mos maiorum* que eram a força motriz da sociedade tradicional romana, que a filosofia de Epicuro foi sempre mal-vista dentro das instituições da Urbe, e, ainda que o epicurismo fosse tolerado na esfera privada, jamais seria aceito como norma de conduta do cidadão. Enfim, ser epicurista jamais poderia justificar algo semelhante àquilo que hoje conhecemos como “exclusão de consciência”.

Dessa forma, a literatura não nos preservou outros exemplos de obras dedicadas ao pensamento de Epicuro, e tampouco obras nas quais se colocasse nas mãos e no presente do homem a construção de uma *Idade de Ouro*. A proposta existencial, e até certo ponto libertária, de Epicuro ficaria de fora do projeto de construção de uma identidade romana, e crença numa *Idade de ouro* possível no presente tornar-se-ia utópica. O que abriria espaço para que outras obras literárias pudessem valer-se da *Idade de Ouro* como tema recorrente, trabalhando-o, porém, sob outros enfoques, bastante diferentes dos de Lucrécio.

Contemporâneo de Lucrécio, Catulo (87-57 a.C.) provavelmente terá frequentado seus mesmos círculos sociais, já que ambos dedicam sua produção a Mêmio, pretor da Bitúnia. Contudo, as comparações (quase) se encerram aí, pois os universos poéticos criados por Lucrécio e Catulo em tudo diferem: o segundo não é orientado por uma tendência filosófica, nem coloca sua arte a serviço de uma ideologia.

Já Catulo se mostra como o poeta das paixões exacerbadas, dos amores conturbados, da crítica ferina e mordaz, aquele que, à primeira vista, canta apenas a vida mundana e a devassidão do meio em que circula. Catulo seria, enfim, um bom exemplo de poeta a ser, talvez, celebrado

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

em vida pelos panegíricos que tece aos seus mecenas – e, por isso mesmo, após a morte, logo condenado ao sumário esquecimento<sup>4</sup>. E, o que seria mais agravante, em razão de nosso tema: Catulo em nenhum momento parece abordar a temática da *Idade de Ouro*.

Contudo, o que se cumpre notar é que os poemas de Catulo, por mais que pareçam desprovidos daquela qualidade temática que poderia proporcionar-lhes um lugar no cânone literário, embutem, na verdade, uma voz de protesto: pois o tempo de Catulo, é, como dito, um tempo de convulsão, e, em tempos assim, costumam erguer-se vozes pregando contra a decadência dos valores da sociedade (no caso, a romana) e que, através de um discurso restauracionista, objetivam um retorno a um passado mitificado, mas que era veiculado por detentores do poder cuja conduta pessoal era recheada de escândalos. Estas vozes, que se tornavam mais altas à proporção que a crise se agudizava, exerciam ainda o poder censório, através do qual buscaram sempre filtrar a recepção da cultura grega: além de, como vimos, rechaçarem o epicurismo, baniram ainda todos os cultos dionisíacos, extremamente populares justamente por servirem como válvula de escape para os baixos estratos sociais. (Nesse aspecto, temos mais uma intercessão entre Catulo e Lucrecio: ainda que por vias diferentes, ambos tecem uma crítica à sociedade em que vivem: o primeiro, porque a expõe cruamente; o segundo, porque apresenta uma via alternativa.)

Assim interpretada, a obra de Catulo ganha novo valor: é um discurso construído, principalmente, contra a hipocrisia desse discurso reacionário, que, em nome de uma mitificação do passado histórico de Roma, regulava não só as relações institucionais, mas também, e com maior pressão até, as relações pessoais, familiares e, sobretudo, amorosas. Dentro desse quadro, ser um poeta “leviano” é um ato de contestação, pois, se o amor se tornou um sentimento regulado pelo Estado, Catulo se torna, então, um poeta do amor, mas daquele amor que, para ser feliz, deve estar livre de toda e qualquer norma social e, portanto, só pode ser verdadeiramente desfrutado enquanto irregular. E percebe-se já, o amor livre cantado por Catulo é o amor tal como narrado nos mitos da *Idade de Ouro*.

Mas e quanto àquele agravante de Catulo jamais ter utilizado a *Idade de Ouro* enquanto tema? Dizer isso seria assumir uma análise rasa,

---

<sup>4</sup> Aliás; este foi seu caso, pois sua obra foi praticamente apagada durante a Idade Média, somente recuperando prestígio literário após o Renascimento.

pois se o tema de fato não aparece com todas as letras em suas obras – tal como aparecerá nas dos poetas seguintes: Horácio, Virgílio e Ovídio – basta que nos detenhamos no poema 64 para constatar que, subjacente à narrativa, temos ali todos os elementos que constituem o mito. Ao longo de 408 versos, o epílio narra a união da nereide Tétis com o mortal Peleu e, dentro desta, conta também a união de Ariadne e Dionísio, deus do vinho.

A união entre deuses e humanos é um tema recorrente na mitologia clássica, contudo, é sabido que ocorre unicamente na *Idade de Ouro*, E, se a união de Peleu e Tétis representa um amor feliz e desembaraçado dos valores sociais – tais como os do tempo mítico -, o de Ariadne e Dionísio – o deus cujo culto fora banido de Roma – é a união que ocorre *depois* da jovem ter sido abandonada por Teseu, e a dor desse abandono está também no poema de Catulo. Portanto, Catulo se serve da *Idade de ouro* não só como o mito (representado por Peleu e Tétis) mas também como denúncia de uma sociedade em que a hipocrisia e a traição eram normas. E, convém recordar, a partir do verso 382, o poema deixa de narrar esses amores e descreve novamente o tempo feliz, ainda que sempre o compare com o tempo posterior, em clara referência ao seu presente, o momento histórico em curso.

Mas se Catulo e Lucrécio usam elementos da *Idade de Ouro* sem, contudo, se valerem do mito em sua totalidade, o mesmo não acontecerá na obra de Horácio, na qual o mito será manipulado em todos os seus contornos. Isso se dá, cremos, em razão do fato de que, se o tempo de Catulo e Lucrécio é o do início do fim da República, o de Horácio é aquele em que a República chega a seu sangrento desfecho, pois nem Lucrécio, morto em 55 a.C.; nem Catulo, morto em 57 a.C.<sup>5</sup> assistiram à travessia do Rubicão (em 49), à batalha de Farsália (em 48), ao assassinato de César (em 44), à constituição e implosão do Segundo Triunvirato (em 43), à batalha de Filipos (em 42), e, finalmente, à batalha de Ácio (em 31), que resultou na consagração de Augusto como único mandatário de Roma. Horácio é, no entanto, testemunha de todos esses acontecimentos, tendo chegado a participar da batalha de Filipos - no lado derrotado - razão pela qual tem todos os seus bens confiscados.

Esta participação foi, aliás, o último momento em que Horácio teve qualquer papel ativo na vida pública de Roma: após o esmagamento

---

<sup>5</sup> Segundo alguns biógrafos, a morte de Catulo teria ocorrido em 47 a.C. No entanto, mesmo nessa data, ele não teria assistido às convulsões finais do sistema republicano.



## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

da República e a concentração do poder nas mãos de Augusto<sup>6</sup>, Horácio irá dedicar-se às letras, graças a sua participação nos círculos literários promovidos por Mecenas. Tal participação, como sabemos, é promovida por Virgílio<sup>7</sup>, e será determinante tanto para sua produção artística quanto para sua aproximação do novo grupo no poder.

Admitido em 37 no grupo de Mecenas, Horácio pôde desfrutar de uma tranquilidade material que lhe permitiu dar seguimento a sua produção literária, iniciada por volta de 41: assim, compõe ele o primeiro livro de suas *Sátiras*, publicado em 35, e, em paralelo, produz seus *Epodos*, que serão publicados em conjunto no ano de 30 a.C. E será em meio aos *Epodos* que encontraremos aquele texto em que Horácio retoma o tema da *Idade de Ouro*: trata-se do de número XVI.

Neste epodo, no qual Horácio traça uma verdadeira denúncia, não de pessoas, mas da destruição causada pela sequência de guerras fratricidas em Roma, percebe-se que a veemência com que os fatos são narrados traem o fato de ter sido esse texto escrito ainda no calor dos acontecimentos. O que fica claro já nos primeiros, e incisivos, versos do poema:

*Altera iam teritur bellis ciuilibus aetas,  
suis et ipsa Roma uiribus ruit.  
(...)  
impia perdemus deuoti sanguinis aetas  
ferisque rursus occupabitur solum.*<sup>8</sup>

(HORÁCIO, 2003, p. 330)

Mas Horácio vai além, não apenas demonstra seus temores quanto aos destinos da Urbe, em razão de todo o jogo de interesses aí envolvido: visando construir um quadro do que Roma poderia ter sido (ou vir a ser), o poeta retoma, no mesmo epodo, o mito da *Idade de Ouro*. Contudo, se o faz de uma forma que segue de perto aquela visão construída por Hesíodo; Horácio não deixa de imprimir sua marca, ao trazer o mito para o presente.

---

<sup>6</sup> Nos anos entre 42 e 31, embora Marco Antônio ainda detivesse o poder no Oriente; Augusto já era senhor de Roma, devido aos acordos de paz promovidos em Brindes, no ano 40 a.C.

<sup>7</sup> Embora a produção literária de Virgílio tenha se iniciado antes da de Horácio; no que tange à temática deste trabalho, este aborda o tema da *Idade de ouro* antes daquele. Obedecendo à linha temporal, portanto, trato aqui a produção de Horácio anteriormente à de Virgílio.

<sup>8</sup> Segue-se a tradução de Bento Prado de Almeida Ferraz: “Segunda geração já se desgasta/ em civis guerras e, a sua própria força,/ Roma se abate./ (...) nós, ímpia geração, maldito sangue, arruinaremos e, de novo, as feras lhe ocuparão o solo, como outrora”. (Versos 1-2; 9-10)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Pois Horácio não se detém na lamentação sobre o destino de uma Roma corroída por guerras internas: em seus versos, ele pergunta ao leitor:

*Forte quid expediat communiter aut melior pars  
malis carere quaeritis laboribus? (...)  
ire, pedes quocumque ferent, quocumque per undas  
Notus uocabit aut proterius Africus.*<sup>9</sup>

Pergunta que é também uma proposta, e que pressupõe a existência, física e concreta, de algum lugar na terra em que ainda vigorasse uma realidade tal como a descrita por Hesíodo, séculos antes. Assim, Horácio traz o mito para o presente, o que implica pintar dele um novo quadro: uma vez que o retira do tempo mitológico, Horácio constrói um lugar que é, ao mesmo tempo, em tudo semelhante e diferente das visões anteriores.

Em Hesíodo, o mito falava de um tempo, de um mundo e de uma humanidade passados, porém puros; e que decaíram por inteiro; criando uma cosmovisão que foi preservada por Catulo, e mesmo por Lucrécio, que, mesmo duvidando da veracidade do mito, manteve-lhe os contornos. Horácio, porém, rompe essa unidade, pois se o tempo se cinge em passado e presente, nem o mundo, nem a raça humana, teriam sofrido por igual essa decadência: haveria ainda um *locus amoenus*, – presente no tempo, mas distante no espaço, posto que além do Oceano – no mundo; e haveria também, entre os homens – e Horácio fala aos romanos, mas não se restringe a eles – aqueles que mereceriam habitar tal lugar. Enfim, se Catulo falava de um tempo em que deuses e homens conviviam; Horácio, por sua vez, falará de uma humanidade em que homens “puros” e impuros convivem entre si; estando ambos, no entanto, apartados dos deuses.

Outro ponto importante na construção desse lugar, na poesia horaciana, é que, essas “ilhas afortunadas” foram preservadas por Júpiter exclusivamente para esse fim. Mesmo tendo o senhor do Olimpo estabelecido as diferentes idades da existência humana; há uma razão intrínseca para tal preservação, que é a de premiar os piedosos:

*Iuppiter illa piaecreuit litora genti,  
ut inquinavit aere tempus aureum,*

---

<sup>9</sup> Segue-se a tradução de Bento Prado de Almeida Ferraz: “Acaso procurais saber vós todos, ou os mais sábios dentre vós, que coisa fazer, para fugirmos desses males? (...) ir para onde nossos pés nos levem, para onde quer que Noto ou o fero Áfrico nos chamem, através da via undosa...” (Versos 15-16; 21-22)

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

*aere, dehinc ferro duravit saecula, quorum  
piis secunda uate me datur fuga.*<sup>10</sup>

Pois se o lugar anunciado por Horácio é distante e isolado, ele está, todavia, claramente reservado apenas à *pars indocili melior grege (...)* *Vos, quibus est uirtus*. (vv. 37; 39). Horácio fala, enfim, apenas àqueles que tenham preservado a *uirtus* romana; apartando-a definitivamente tanto do “bárbaro” quanto do “rebanho feroz” que coabitava a urbe.

Perceba-se aqui uma modificação substancial promovida por Horácio; pois se a humanidade, tal como descrita por Hesíodo, era inconsciente de sua pureza; se a de Lucrecio deveria buscar na filosofia o meio de superar sua própria impureza; e se a de Catulo, tal como Ariadne, deveria buscar sua purificação através dos favores de Dionísio; a humanidade de Horácio será apolínea, e encontraria na observância da *uirtus*, elemento principal do *mos maiorum* romano, um caminho, se não para sua restauração, para tornar-se merecedora de habitar aquele espaço idílico mostrado pelo poema, no qual desfrutaria do bem-estar e da felicidade que sua própria realidade, isto é, a de Roma, lhes negava. Importa fazer notar, portanto, que, enquanto Lucrecio e Catulo apontavam caminhos alternativos para que o homem pudesse enfrentar a realidade circundante; Horácio faz o oposto: defende que ao homem submisso à tradição será possível alcançar aquela terra na qual a *Idade de Ouro* nunca findou.

Um último ponto a ser considerado é que Horácio, diferentemente de seus antecessores, coloca-se numa posição mais elevada que os demais homens, posto que se anuncia, no verso 52, como o “vate” que fala pelos deuses ou por meio de quem os deuses falam; corroborando assim uma visão tradicionalista do universo religioso romano. Assim, se Horácio promove uma nova configuração do mito – e com isso o revaloriza -, ele também determina sua própria condição de arauto desse novo retrato da *Idade de Ouro*.

Uma condição que, no entanto, não será preservada em seus trabalhos posteriores, uma vez que, aos poucos, Horácio colocará seu talento a serviços de Augusto, seja compondo o quarto livro das *Odes*, em que a defesa dos valores defendidos pelo poder imperial, assim como da pró-

---

<sup>10</sup> Segue-se a tradução de Bento Prado de Almeida Ferraz: “Essas paragens, Jove/ as reservou para uma raça pia/ quando inquinou de ferro a Idade de Ouro; endureceu os séculos, primeiro com o bronze; depois, mais, com o ferro./ dos quais fuga se deu ao homem pio, sendo eu próprio o profeta que o predisse.” (vv. 49-52).

pria instituição são a tônica; ou ainda o *Carmen Saeculare*, hino dos Jogos Seculares promovidos por Augusto.

Talvez em razão do fato de que sua própria trajetória descontró muito do que apregoara no início de sua carreira, não será Horácio o poeta a ser visto pelos pósteros como o arauto de uma nova *Idade de Ouro*, pois esse posto será exercido por seu amigo Virgílio (70-19 a.C.). Sua produção, menos abundante que a de Horácio, se resume a 3 obras que, são determinantes não apenas para a literatura latina mas para toda a literatura ocidental, compostas a intervalos regulares de dez anos: as *Bucólicas* (39 a.C.); as *Geórgicas* (29 a.C.) e a *Eneida* (19 a.C.)<sup>11</sup>. E será nas duas primeiras obras que Virgílio alimentará, por sua vez, o tema da *Idade de Ouro* dentro da produção literária latina.

Sabemos que Virgílio integrava o círculo de artistas ligados a Mecenas, e, através deste, conectados ao grupo mais estreito do poder em Roma. Contudo, seus biógrafos apontam para que, quando recém-chegado à Urbe, Virgílio participava do círculo de Polião, militar que, exercendo o consulado em 40 a.C., foi o principal responsável pelos acordos firmados em Brindes, que teriam por objetivo garantir alguns anos de paz. Tais acordos foram logo rompidos, mas, naquele momento, significaram o esforço mais sólido de estabelecer alguma paz interna; e, por isso mesmo, suscitaram o alívio geral.

É nesse ambiente de alívio – que se sabe temporário, mas se espera duradouro – que Virgílio irá compor sua primeira grande obra, as *Bucólicas*, em que adapta à língua latina o idílio – fórmula poética desenvolvida por Teócrito de Siracusa séculos antes, mas à qual, os poetas das gerações anteriores não haviam se dedicado por diversas razões. Dentre elas, por considerarem o gênero demasiado escapista e/ou de temática circunscrita ao universo do campo.

Mas se essa “acusação” seria válida no tempo de Catulo, em que as convulsões estavam em seu início; ao tempo de Virgílio, quando se pressentia que chegariam a seu estágio final, decerto a sociedade romana, já extenuada por tantos conflitos, reclamasse mesmo das artes alguma forma de consolo e devaneio que, agindo como um bálsamo, a fizesse desviar, mesmo que brevemente, de uma realidade terrível, pela qual se

---

<sup>11</sup> Essa regularidade, no entanto, é fortuita, pois a *Eneida* só foi publicada, ainda que inconclusa, em razão da morte do poeta nesse ano.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

passou, mas que pode retornar<sup>12</sup>. Nesse momento, faz-se mister não só apontar saídas – como o fizeram, embora por meios diferentes, Lucrécio, Catulo e Horácio –, mas, principalmente, resgatar a esperança em dias melhores. E o momento suscitado pelos acordos de Brindes é mais que ideal para isso.

Assim, a valorização da temática campestre e da tranquilidade pastoril atendem a um desejo, possivelmente não verbalizado mas latente, de retorno a tempos mais simples, de resgatar aquela *Idade de Ouro* perdida. E é atento a isso que Virgílio vai, ele também, dar novos contornos ao mito, pois defenderá, em diversas passagens de sua obra, não só a busca da tranquilidade e da paz no campo, mas também o desprezo pelos valores da civilização urbana, cercada de luxos, prazeres e ambições. Suas ideias, nesse aspecto, repousam sobre as de Epicuro e ecoam as de Lucrécio, realizando um diálogo intertextual que, até então, era inusitado nas letras latinas. Desse modo, o bucolismo vergiliano é, em boa medida, um bucolismo epicurista que serve igualmente a estabelecer um contraponto com os versos de Horácio: pois se este canta um lugar longínquo e de difícil acesso; Virgílio retrata os campos de sua própria região, mas que podem, enfim, ser os de qualquer lugar da Itália. Assim, viver sua *Idade de Ouro* é, para Virgílio, algo bem mais simples e exequível.

Mas em nenhuma parte das *Bucólicas* a *Idade de Ouro* é tão claramente retratada quanto no quarto poema da série. Sobre essa IV<sup>a</sup> Bucólica, aliás, uma plêiade de críticos já deteve em virtude de sua temática, que muito coincide com as crenças cristãs, como Néraudau bem sinteticamente nos apresenta:

*Cette églogue, sans doute composée en 40, bien avant la naissance du Christ, présente toutefois quelques points communs avec les prophéties bibliques, les bénédictions attachées à la naissance d'un enfant, et même avec l'imagerie chrétienne, le retour d'une Vierge et la maternité finale. Aussi Virgile, à partir du IV<sup>e</sup> siècle, commença-t-il d'être tenu pour une sorte de prophète miraculeusement averti de la véritable religion.* (NÉRAUDAU, 2001, p. 39)

Porém, se, devido às semelhanças com as narrativas cristãs, a IV<sup>a</sup> Bucólica acabou fazendo de Virgílio um “profeta pagão”, de que maneira elas se associam à *Idade de Ouro*?

---

<sup>12</sup> A História registra outros momentos semelhantes: o período de maior agitação cultural na Alemanha são aqueles entre o fim da Primeira Guerra Mundial (1918) e a ascensão do III Reich (1933). Mesmo fenômeno ocorrido, no Brasil, nos anos entre o Golpe Militar de 1964 e o AI-5 (1968).

Acreditando que o exame dessa relação serve, ademais, para des-  
construir a mítica cristã ao redor de Virgílio e demonstrar as verdadeiras  
intenções do poeta, penso que a melhor maneira de demonstrá-la seria a  
partir da determinação da identidade mesmo da referida criança. A esse  
respeito todos os historiadores da literatura latina são unânimes em indi-  
car tratar-se do próprio filho de Polião, que era então cônsul e fora o ar-  
quiteto da paz de Brindes. Seu nascimento não será a causa, mas tão so-  
mente coincidirá com o início dessa nova Idade de Ouro. Ao longo do  
poema, Virgílio mostra que, a cada fase do desenvolvimento da criança,  
até chegar à idade adulta, estará marcada por mais um passo em direção a  
essa nova era de paz e de prosperidade para Roma. A criança, enfim, será  
*testemunha*, e não agente do processo.

E qual seria, enfim, o processo de retorno à *Idade de Ouro*? Nesse  
aspecto, o poema toma contornos mais políticos, pois Virgílio o divide  
em dois momentos: durante o primeiro, descrito entre os versos 19 e 30,  
haverá o retorno à concórdia e à paz, enquanto a criança cresce e alcança  
a juventude. Contudo, como dito no verso 31: *pauca tamen suberunt  
priscae uestigia fraudis*.<sup>13</sup> e então novamente irromperia uma nova guerra  
de Troia, isto é, uma guerra decisiva e final, na qual ter-se-ia um novo  
Aquiles – que não será a criança em questão. Terminada essa guerra, en-  
tão haveria, enfim, uma paz duradoura, e a criança, já adulta, alcançará,  
então, projeção na sociedade romana, e sua tarefa primordial será a de  
garantir que a continuidade da paz interna.

Ora, dadas as (frágeis) condições políticas tecidas no acordo de  
Brindes, não era difícil perceber-se que os dois lados buscavam sobretu-  
do ganhar tempo – e assim pudessem recompor tropas, riquezas e alian-  
ças. Nem que, quanto maior o tempo de que dispusessem para isso, maior  
seria a força destrutiva com que se lançariam à guerra. Daí, é fácil enten-  
der-se porque Virgílio prevê que o desenlace final somente ocorrerá em  
alguns anos.

De fato, nove anos decorrerão em Brindes e a batalha de *Actium*  
(31 a.C.), na qual as tropas de Marco Antônio serão finalmente derrota-  
das, e Otávio se afirma como único governante de todo o império. Mas,  
no que diz respeito à obra, é interessante constatar que Virgílio prevê o  
terror dos combates e a vitória de um “Aquiles”, mas em momento algum  
toma partido: interessa-lhe mais que a guerra tenha um final derradeiro, e  
que a paz retorne de maneira definitiva, para que os homens possam re-

---

<sup>13</sup> “Logo, porém, surgirão alguns traços de um antigo engodo...” (tradução minha)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tomar seu curso rumo àquela *Idade de Ouro* iniciada em Brindes; pouco importando, enfim, o lado vencedor.

Perceba-se, pois, que a contribuição de Virgílio para o mito está em reafirmar tacitamente o epicurismo lucreciano e de fazê-lo fincar raízes na Itália, desviando-o das ilhas afortunadas de Horácio. Mas, e quanto aos amores, dionisíacos e proibidos, cantados por Catulo? Sobre isso, mesmo uma leitura superficial das *Bucólicas* mostrará que, para o poeta, no espaço campestre não há lugar para as interdições que vigoram no espaço urbano e, portanto, os amores aí vividos são livres de qualquer regulação social. Enfim, Virgílio apresenta o campo como resposta para os dilemas de Catulo.

Se a publicação das *Bucólicas*, logo fizeram de Virgílio um dos poetas mais amados de Roma, esse fato não passou em branco: graças a isso o poeta passou a frequentar o círculo de Mecenas, tornando-se inclusive amigo de Otávio Augusto. Isso não deixará de ter reflexos em sua obra, pois é a pedido deste que Virgílio passará os próximos anos dedicando-se às *Geórgicas*, obra que fazia parte da política de Augusto de, retomando as tradições romanas, promover um retorno aos campos, à vida simples e ao *mos maiorum* romano (sobre o qual, aliás, Virgílio silenciou, em sua obra anterior).

Nas *Geórgicas*, publicadas em 29 a.C., Virgílio redigirá um verdadeiro manual das atividades do campo que, não sem fundamento, colocará Virgílio no grupo dos poetas “didáticos”; afinal, todas as informações relativas ao plantio e às colheitas, à produção das vinhas, à criação dos diversos tipos de gado, e da criação das abelhas e extração do mel – temas de cada um dos quatro cantos da obra – estão corretas, segundo as tecnologias da época. Contudo, se, nas *Bucólicas*, Virgílio colocou a vida campestre como condição *sine qua non* da *Idade de Ouro*, convém recordar que o mito sempre mostra a natureza oferecendo livremente seus dons aos homens (e também aos deuses), sem que o trabalho fosse necessário.

Entretanto, nas *Geórgicas*, é justamente de trabalho que se fala, e todos os processos descritos são as formas de melhor domar a natureza e fazê-la produzir da maneira mais adequada ao homem. O livro, assim construído, coloca-se em oposição direta ao mito, e se aparentemente se ajusta com perfeição tanto às intenções de Augusto, quanto à realidade da reconstrução da península, após tantos anos de combates.

A *Idade de Ouro* das *Geórgicas* não será, enfim, aquela dos mitos passados, mas a dos homens do futuro: que, mesmo fadados ao trabalho nos campos; poderão desfrutar de tempos de paz e fartura como nenhuma das gerações imediatamente anteriores. Prometendo não a *Idade de Ouro* dos mitos, mas uma *Idade de Ouro* real, Virgílio acaba, com isso, plantando as sementes de um novo mito: o de que a paz e a fartura advêm puramente do trabalho dos homens, sem a interferência dos deuses, nem das esferas de um poder, que se não é necessariamente benévolo ou colaborativo, está ao menos suficientemente distante para não se imiscuir demasiadamente no cotidiano dos cidadãos.

Percebendo-se aí novos ecos de seu epicurismo latente, as *Geórgicas* acabam sendo, mais que um manual de atividades agrícolas ou um poema didático, um manifesto com um teor político que, embora diluído, não passa despercebido: se a política de Augusto era mostrar a Itália como o lugar onde uma nova *Idade de Ouro* estava em construção, nas mãos de um novo regime. O mesmo procedimento, aliás, é praticado na *Eneida*, quando as predições de Anquises sobre o futuro de Roma – que seriam o presente de Virgílio – falam da grandeza de César e da *Idade de Ouro* a ser vivida. Ora, o leitor atento, fazendo as devidas comparações entre as profecias e o momento histórico em curso, rapidamente constataria as discrepâncias existentes.

Ademais, nas próprias *Geórgicas*, e também na *Eneida*, Virgílio mostrará a Itália como a terra que vivera de fato tal como no mito, mas outrora, quando governada por Saturno, o pai dos deuses, destronado por Júpiter. Desse modo, Virgílio cria uma contradição: se a nova ordem, centrada em Otávio Augusto, destruía os alicerces da República, e se instaurava no poder suprimindo todas as liberdades políticas dos romanos, como poderia ela proclamar-se como o início de uma nova era de paz e prosperidade? E deixa no ar, latente, a pergunta: a Idade de Ouro com que se sonhava não teria sido justamente aquela que terminara?

Essa pergunta será, aliás, a mesma que moverá Ovídio, poeta nascido em 43 a.C. e morto em 17 d.C., último dos que abordará a *Idade de Ouro* como mito. Nascendo momentos antes da paz de Brindes e morrendo já no governo de Tibério, sucessor de Augusto, Ovídio não será testemunha de todo o ciclo de destruição presenciados por seus antecessores. No entanto, ele assistirá à progressiva concentração de poderes nas mãos de Augusto, que, pouco a pouco, irá acumulando, em caráter vitalício, os principais cargos do governo romano, e, cada vez mais, impondo sua marca no Estado.



## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Essa marca, no entanto, será a mesma que, em nome das tradições romanas, ira perverter e esvaziar de qualquer sentido real essas mesmas tradições: invocando seu valor, Augusto visava a implantar um novo código de conduta que suprimia não só as liberdades políticas anteriormente desfrutadas, mas também as liberdades individuais e de pensamento, que se buscavam uniformizar em torno à figura, e à vontade, do imperador.

Devido à diferença de idade entre Ovídio e seus antecessores diretos, Horácio e Virgílio<sup>14</sup>, e ao fato de viver em momento histórico tão diferente - apesar de muitos dos personagens serem os mesmos - pouco será o diálogo intertextual direto entre eles. Se é certo que Ovídio terá conhecido a produção de todos, ele parece, no quesito comportamento, preferir a companhia de Catulo: sua produção inicial defende que as relações amorosas só podem ser verdadeiramente desfrutadas fora do âmbito das tradições. Isso, claro, ia em rota de colisão com a política de Augusto, e, apesar de muito popular, Ovídio não era visto com bons olhos na corte imperial.

Mas quanto ao tema que vimos analisando, Ovídio será o poeta que o abordará de maneira mais clara: bebendo novamente na fonte de Hesíodo, Ovídio construirá, em suas *Metamorfoses*, o quadro mais completo e detalhado da *Idade de Ouro* nas letras latinas: os versos iniciados por *Aurea prima sata est aetas...* fazem a síntese de tudo quanto já se escrevera sobre o assunto. Mas esses mesmos versos, se reproduzem com bastante fidelidade o que a tradição poética greco-latina já consagrará, introduz um elemento novo, no qual se deixa entrever uma crítica ao poder instaurado em Roma: pois esse mesmo verso continua com “*quae uindice nullo,/ sponte sua, sine lege fidem rectumque colebat.* (Ov. *Met.*, I, 89-90)”<sup>15</sup>. Ora, dizer-se que se tratava de um tempo em que o direito e a fé eram cultuados *sem lei ou espírito de vingança* era estabelecer uma oposição direta a Augusto, já que, em seus discursos, o imperador sempre se apontava como o “filho e herdeiro de César” que tomara por missão vingar seu pai adotivo – e em nome disso Augusto caçou não só os assassi-

---

<sup>14</sup> Diferença essa que, refletindo-se igualmente no estilo, fará com que os historiadores da literatura latina, como Grimal e Conte, aloquem Ovídio no grupo dos poetas “elegíacos”, vinculando-o antes a Tibulo, Propércio e Pérsio.

<sup>15</sup> “Então veio a era de ouro, na qual, sem lei ou vingança, se cultuava espontaneamente o direito e a fé”.

nos, mas os mais mínimos opositores de César - e concluir sua missão de salvar Roma.

Não há só este, mas também outros episódios nas *Metamorfoses* que, se não denunciam explicitamente, dão pequenas alfinetadas, ora nos mecanismos do poder imperial, ora na pessoa mesma do Príncipe. Um destes episódios é a defesa de ideias e crenças pitagóricas, vinculando-as ao nome do rei Numa Pompílio, que é, ademais, retratado como o único bom *soberano* de Roma. Outro será a reprodução da versão, que corria pelas ruas da Urbe, de que Augusto seria realmente filho *natural* de César; resultado, portanto, de uma relação incestuosa entre tio e sobrinha. Nesse caso, a adoção de Augusto por César seria completamente inválida, o que faria ruir todo o sustentáculo dos “direitos” do imperador.

Evidentemente, a simples menção de tais fatos nas *Metamorfoses* faria subir ainda mais à tensão já existente, e, se não foram a causa direta, em muito contribuíram para que Augusto, enfim, decretasse o exílio de Ovídio em Tomos, cidade do Mar Negro<sup>16</sup>, em 8 d.C, exílio do qual o poeta jamais retornaria.

Após Ovídio, o tema da *Idade de Ouro* não seria mais tratado pelos autores latinos, talvez porque estivesse já esgotado, ou, o que é mais provável, à literatura não se concedesse mais o espaço para traçar, metaforicamente, comparações entre um suposto passado mítico e feliz da raça humana e um presente intranquilo e assentado ora no temor das grandes convulsões políticas, ora no dos plenos poderes exercidos pelo imperador de plantão. Fato é que, após a geração de Ovídio, os novos nomes que despontariam na cena literária romana comporão obras de caráter mitológico ou de crítica social, mas jamais teceriam novamente comparações com o momento político.

Passado o tempo das convulsões, consolidado o poder imperial – com os aspectos negativos e positivos que isso acarretou – as gerações seguintes se destacariam pela busca por novos caminhos de expressão literária. Esse caminho, porém, não passará mais, ao menos diretamente, pela representação ou discussão da realidade.

Assim, à primeira vista essa literatura nos parecerá sobretudo escapista e/ou bem-comportada, sem qualquer traço do espírito contestatário que aqui analisamos, e a exegese praticada nos séculos posteriores tenderá a vê-los como autores “menores”, prenúncio de uma decadência

---

<sup>16</sup> Atualmente Timisoara, na Romênia.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

iminente. Contudo, é essa uma postura crítica, já superada, que pensava em fases fixas de ascensão, apogeu e de queda na trajetória de uma cultura. Sabemos que, de fato, nos processos escriturais de qualquer coletividade existem apenas transformações e mudanças de rota e é também importante ressaltar que esses não implicam uma perda de qualidade na produção.

Se tal conceituação nos leva a uma reavaliação do que teria sido a *Idade de Ouro* na lírica latina, não nos impede - ao contrário, a mudança dos paradigmas acaba por realçar - o fato de que os poetas dessa *Idade de Ouro* se valeram dos mitos da *Idade de Ouro*, seja para retratar sua realidade imediata, seja para apresentar propostas para enfrentá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRISSON, Jean-Paul. *Rome et l'âge d'or: de Catulle à Ovide, vie et mort d'un mythe*. Paris: La Découverte, 1992.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. 3. ed. rev. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CATULLE. *Poésies*. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history* Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994.

GRIMAL, Pierre. *Horace*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

----- . *Virgílio ou o segundo nascimento de Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HORACE. *Œuvres*. Introdução e notas de F. Plessis e P. Lejay. Paris: Hachette, 1911.

HORÁCIO. *Odes e epodos*. Tradução e notas de Bento Prado de Almeida Ferraz. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUCRÈCE. *De la nature*. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

NÉRAUDAU. Jean-Pierre. Introduction. In: CATULLE. *Poésies*. Paris: Les Belles Lettres, 2006, p. VII-XXV.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

-----, Quatrième églogue. In: VIRGILE. *Bucoliques*. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

OVIDE, *Les métamorphoses*. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

VIRGILE. *Géorgiques*. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

-----, *Bucoliques*. Paris: Les Belles Lettres, 2001.